



MERCADOS GLOBAIS SOFRERAM COM A INVASÃO DA UCRÂNIA. APÓS PRIMEIROS BOMBARDEIOS, BOLSAS DESABARAM E DÓLAR SUBIU. DECLARAÇÕES DE BIDEN REDUZIRAM A TENSÃO. IBOVESPA TEVE BAIXA DE 0,37%, E MOEDA FECHOU A R\$ 5,10

Investidores ligam o alerta

» ROSANA HESSEL
» DEBORAH HANA CARDOSO

A invasão militar da Ucrânia pela Rússia deixou os mercados financeiros tensos, ontem, e a Bolsa de Valores de São Paulo (B3) não conseguiu se descolar do mau humor global, como vinha ocorrendo nos últimos dias, assim como o dólar. Os investidores temem pesados impactos à economia brasileira, caso a guerra se estenda por um longo período. Em meio ao nervosismo, preferiram vender ações e correr em busca de proteção da moeda norte-americana. O dia, porém, terminou melhor do que começou, diante do pronunciamento do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, de que não tem intenção de iniciar uma ofensiva militar contra o país de Vladimir Putin. Por enquanto, recorrerá a duras sanções econômicas.

O Índice Bovespa (Ibovespa), principal termômetro do mercado acionário brasileiro, chegou a tombar 2,6% nas primeiras horas da quinta-feira, mas fechou em queda de 0,37%, aos 111.592 pontos. Já o dólar, refletindo a aversão ao risco, voltou a subir, cotado a R\$ 5,10, com alta de 2,02% — a maior elevação desde 8 de setembro de 2021. Na máxima do dia, bateu em R\$ 5,16. Nos Estados Unidos, a Bolsa de Wall Street encerrou o dia com alta de 0,28%. A Nasdaq, das empresas de tecnologia, subiu 3,34%. O DAX, da Alemanha, recuou 3,93%. O Euro Stoxx 50, da União Europeia, caiu 3,64%. Em Paris, o CAC 40 ficou negativo em 0,10%. O índice russo Moex chegou a despencar 45%, e fechou com queda de 33%.

Analistas demonstram cautela nas análises sobre os rumos dos mercados daqui para frente. Segundo o economista-chefe da JF Trust Gestora de Recursos,

Angela Weiss/AFP



A Bolsa de Valores de Nova York conseguiu conter o nervosismo no fim do dia e acabou com alta de 0,28%

Eduardo Velho, os investidores já esperavam uma guerra desde o início das tensões, mas o conflito real não estava precipitado. Agora, a ordem é avaliar o cenário. “Se a guerra for rápida, o petróleo voltará a preços palatáveis. Mas, caso se prolongue, resultará em mais inflação”, afirmou. Ele explicou que a tendência é de alta dos juros e do dólar daqui para frente. “O impacto financeiro é a restrição de fluxo de capitais.” Os bancos estiveram entre os que mais sofreram com a invasão russa na Ucrânia. As ações do Bradesco e do Itaú Unibanco caíram 3% e 1,7%, respectivamente.

Trincheiras

Na avaliação do especialista em relações internacionais Wagner Parente, CEO da BMJ Consultores Associados, o mercado espida, o petróleo voltará a preços palatáveis. Mas, caso se prolongue, resultará em mais inflação”, afirmou. Ele explicou que a tendência é de alta dos juros e do dólar daqui para frente. “O impacto financeiro é a restrição de fluxo de capitais.” Os bancos estiveram entre os que mais sofreram com a invasão russa na Ucrânia. As ações do Bradesco e do Itaú Unibanco caíram 3% e 1,7%, respectivamente.

Para o economista José Luis Oreiro, professor do

Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB) e do programa de doutorado em integração econômica da Universidade do País Basco (Espanha), tudo “vai depender do que a Rússia quiser”. “A guerra pode ser rápida ou o começo de outras anexações”, disse. Segundo ele, são muitos os riscos para a economia mundial. O economista-chefe da Ativa Investimentos, Étore Sanchez, assinalou que conflitos como o atual trazem maior aversão ao risco por parte de investidores em relação a mercados emergentes, como o Brasil. O especulador retorna para

países de economias mais sólidas, como os EUA, na chamada fuga de capital”.

Diante das incertezas em relação à economia global e da perspectiva de persistência da inflação, especialmente depois do barril do petróleo ultrapassar US\$ 100 — o que, para analistas, confirma o litro da gasolina acima de R\$ 7 —, o secretário do Tesouro Nacional, Paulo Valle, tentou demonstrar tranquilidade. Ele afirmou que o Brasil “está bem posicionado” e criticou as propostas de criação de um fundo para compensar o congelamento do preço dos combustíveis.

2%
Alta da moeda norte-americana, rompendo dias seguidos de baixa

45%
Queda da Bolsa de Valores da Rússia no pior momento da quinta-feira

US\$ 105
Cotação máxima do barril de petróleo nas negociações de ontem

US\$ 357,9 BILHÕES
Total das reservas internacionais do Brasil para enfrentar crises

Recessão e mais inflação

A crise provocada pela invasão da Ucrânia pela Rússia resultará em um choque nos preços dos combustíveis e dos alimentos, porque os dois países do Leste Europeu são importantes exportadores de petróleo e de commodities, como trigo, cevada e milho. Logo, o Brasil não sairá ileso dessa conjuntura desfavorável. O crescimento econômico, que já está fraco, minguará de vez. E o bolso da população sentirá a peso da carestia.

Analistas alertam para as turbulências que devem se seguir a esse novo conflito geopolítico. O primeiro impacto da guerra ocorreu sobre o dólar que, na véspera, chegou a ficar abaixo de R\$ 5, mas encerrou o pregão de ontem com alta de 2,02%, cotado a R\$ 5,10. Com a ofensiva russa, o barril de petróleo tipo Brent foi negociado acima de US\$ 100 pela primeira vez desde 2014 — bateu em US\$ 105 —, cotado, no fim do dia, a US\$ 99. Assim, a gasolina e o diesel deverão ficar mais caros nas bombas, porque os preços definidos pela Petrobras acompanham o do óleo no mercado internacional, além da variação da moeda norte-americana.

Especialistas destacam que os bloqueios marítimos gerados pela guerra entre Moscou e Kiev afetarão diretamente o comércio mundial de trigo. Rússia e Ucrânia são, respectivamente, o primeiro e o terceiro maiores exportadores do produto do planeta. Juntos, os dois países produzem 14% do trigo global e respondem por 29% de todas as exportações do cereal. Como o Brasil é um dos maiores importadores do mundo, o efeito na mesa dos brasileiros começará pelo pãozinho,

Ed Alves/CB/D.A Press



Com petróleo em alta, abastecer o carro continuará caro

estendendo-se por produtos como macarrão, biscoitos, rações animais e cerveja.

Na avaliação do advogado e economista Alessandro Azzoni, professor de direito da Universidade Nove de Julho (Uninove), a alta nas cotações preços do petróleo e a dificuldade nas exportações de commodities provocarão um efeito cascata nos preços em geral. “A Ucrânia produz 16% da soja mundial e 12% de milho. Se o escoamento desses produtos for afetado, o custo de rações para animais sobe e impacta as proteínas animais, ou seja, as carnes. Além disso, há um agravante sobre o gasoduto russo que abastece a Europa. Desta forma, podemos ter um aumento da energia elétrica na região e, com isso, o processo inflacionário no bloco provocará queda no consumo, reduzindo a demanda por produtos exportados pelo Brasil”, disse.

José Luis Oreiro, professor de economia da Universidade de Brasília (UnB), ressaltou que essa crise deverá afetar ainda os preços dos fertilizantes importados pelos agricultores brasileiros, deixando os alimentos mais caros. “O que podemos prever para o Brasil é a manutenção da inflação em patamares elevados (está em 10% ao ano), ao contrário da expectativa do Banco Central, que previa um recuo da carestia a partir de abril. Provavelmente, a instituição vai prolongar o aperto monetário e elevará a taxa básica de juros (Selic) para até 14% ao ano. Então, seja por elevação da inflação, seja por meio dos juros, isso impacta negativamente o consumo de bens duráveis e investimentos”, alertou ele, que prevê um quadro perverso, composto por carestia, crédito caro e recessão. (Cristiane Noberto e Deborah Hana Cardoso)

Preços de produtos industriais vão subir

» CRISTIANE NORBERTO
» FERNANDA STRICKLAND

O mundo sentirá o peso da decisão da Rússia de bloquear o acesso ao Mar Negro, dentro de sua estratégia de bombardear a Ucrânia. A perspectiva é de que a economia global sofra um novo choque nos preços industriais tão ou mais violento como o que se viu durante a pandemia do novo coronavírus, que resultou em uma persistente inflação global. O Mar Negro é estratégico para o escoamento dos produtos russos para o Ocidente via Estreito de Bósforo, uma vez que, no Norte, as águas são congeladas. Por ali, passam 70% do comércio de produtos industrializados, insumos e matérias-primas, pois é usado como rota pelos países da Ásia, grandes fornecedores das fábricas espalhadas pelo planeta.

“O fluxo comercial que passa pelo Mar Negro é importante para a economia global. E, dependendo do tempo do bloqueio, o choque de oferta e de preços será enorme”, alertou o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). “Essa passagem atinge gregos e turcos, tanto os bloqueados quanto os que bloquearam. Logo, todos

Onde fica



vão sofrer se essa guerra for prolongada”, emendou. O bloqueio russo dos portos ucranianos no Mar Negro, de acordo com analistas, ajuda a enfraquecer a economia daquele país, que é um grande exportador de milho, cevada e trigo. Mas, ao tentar estabelecer um domínio geopolítico na região e na ligação entre a Europa, a Ásia e o Oriente Médio, Moscou também pode correr riscos, caso o conflito se estenda por um prazo muito longo.

Todos perdem

Wagner Parente, CEO da BMJ Consultores Associados, lembrou que o Mar Negro é um corredor comercial muito importante. E não por acaso o presidente russo, Vladimir Putin, anexou a Crimeia em 2014. “Do ponto de vista estratégico, faz sentido que Putin ataque por esse caminho. Mas, dependendo do tempo dessa guerra, a Rússia também vai sangrar, pois os produtos exportados pelo país também passam pelo Mar Negro”, alertou. Ele

“O Brasil está bem posicionado, e temos de aguardar para tomar ou não medidas adicionais”, disse Valle, durante a apresentação do superavit primário recorde nas contas públicas em janeiro, de R\$ 76,5 bilhões. No entender dele, ainda é cedo para avaliar os impactos da guerra no Leste Europeu. “Apenas 5% da dívida pública é externa e 95% (dos títulos emitidos) são em real. A participação de estrangeiros na dívida é de pouco mais de 10%, temos 100% de necessidade de financiamento em caixa e mais de US\$ 350 bilhões em reservas internacionais”, acrescentou.

lembrou, ainda, que o Mar Negro integra a nova rota da seda para o escoamento dos produtos da China e da Índia no continente europeu. Por isso, o posicionamento mais neutro tanto de Pequim quanto de Nova Délhi em relação à invasão da Ucrânia indica que não querem conflito com Putin.

Thiago Nogueira, professor de direito internacional da Universidade São Judas, acrescentou: “A estratégia da Rússia também visa estimular países como Turquia, Egito e Itália a preferirem a estabilização da região o mais rápido possível, mesmo que com uma ocupação russa nos territórios da Ucrânia. Podemos estar diante de uma nova geopolítica do Velho Continente”. Para Luís Gustavo Bettolini, economista da Terra Investimentos, a questão logística ainda continua sendo um problema global. “Considerando a importância dessa rota, certamente, devemos ver um agravamento do problema e, potencialmente, um aumento dos custos”, disse. (Com Rosana Hessel)